



A Way With Words: um estudo barthesiano sobre as críticas ao disco Carry Fire¹
A Way With Words²: a barthesian study about the critiques to the record Carry Fire

Arthur Freire Simões Pires³

Fábio Cruz⁴

Palavras-chave: rock; fait divers; crítica musical; jornalismo cultural; Robert Plant.

1. Aspectos introdutórios

O ano é 2017, em seu segundo semestre, mas os artistas do século anterior continuam sendo grande sucesso com o público, como comprova a revista Forbes ao publicar os artistas que mais obtiveram lucro em turnês no determinado ano. Entre os cinco primeiros estão Guns N' Roses, U2, Metallica e Depeche Mode, bandas surgidas na segunda metade do século XX.

Esse se torna um dos fatores pelos quais estes músicos não deixam de produzir novos materiais e, conseqüentemente, aparecerem na mídia. As entrevistas, shows,

¹ Trabalho apresentado ao II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 8 a 12 de abril de 2018.

² Canção presente no álbum em que se centraliza o estudo, sua tradução (livre) é “um caminho com palavras”. Sua utilização passa por um sentido de metalinguagem.

³ Estudante do quarto semestre do curso de graduação em Jornalismo da UFPel. Bolsista PIBIC/CNPQ do projeto de pesquisa: Cultura da Mídia, Rock e Recepção. grohsarthur@gmail.com

⁴ Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo e Publicidade e Propaganda pela Universidade Católica de Pelotas (1997), especialização em Teoria do Jornalismo e Comunicação de Massa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1998), mestrado em Comunicação e Práticas Sócio-Políticas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2000), doutorado em Cultura midiática e Tecnologias do Imaginário pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2006) e pós-doutorado em Direitos Humanos, Mídia e Movimentos Sociais pela Universidade Pablo de Olavide (Sevilha / Espanha - 2011). Atualmente é professor adjunto do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

aparições em público, somado aos lançamentos de álbuns fazem com que a imprensa redija notícias e reportagens sobre os – neste caso – rockeiros.

Consequentemente, uma das vertentes do jornalismo cultural, acaba chamando a atenção por avaliar alguns destes eventos, que é a crítica musical. Como exposto por Piza (2013), este braço do gênero jornalístico tem um fator histórico e chama atenção de diferentes públicos quando avalia um trabalho.

Neste estudo **não**⁵ visamos avaliar o disco criticado – expondo nossa opinião sobre ele –, mas sim sobre os textos críticos e se eles são consonantes com o que propõe o *ethos* da profissão jornalística. Foram, então, selecionados dois textos críticos, um ligado ao portal brasileiro Universo Online (UOL) e outro ligado ao jornal inglês The Guardian.

Para isto, entendemos que os estudos de Roland Barthes (1964) e seu *fait divers* são o aporte teórico necessário para compreender a condução colocada pelos autores das resenhas, enquanto Piza (2013) nos orientará as diretrizes conceituais do jornalismo cultural.

2. Objetos de estudo

Como dito anteriormente, o cerne de nossa análise são as críticas ao disco *Carry Fire*, de Robert Plant. O álbum foi lançado no dia 13 de outubro de 2017, pelo selo Nonesuch Records, da gravadora Warner Bros, e se configura como o décimo primeiro trabalho de estúdio do cantor.

Plant é um artista globalmente conhecido, sobretudo por seu trabalho com a banda Led Zeppelin, acumulando apresentações além de seu país de origem – Inglaterra – ao longo de sua carreira. Seu talento é reconhecido por diversas publicações especializadas em jornalismo cultural, com seu nome presente em listas de melhores

⁵ Grifo nosso.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

cantores do gênero rock⁶, e de modo geral⁷. Além de seu antigo grupo ser um sucesso de vendas, comercialmente um expoente dentro do rock'n'roll⁸.

Enquanto, como material de análise, foram selecionados dois textos: um assinado por Felipe Cotta, veiculado no dia 13 de outubro, no blog Omelete, do portal UOL, e o segundo por autoria de Phil Mongredien, publicado em 15 do mesmo mês, no The Observer⁹, do jornal The Guardian.

A crítica postada no UOL foi escolhida por conta dos acessos ao site, ele se configura como o sexto mais buscado do Brasil, enquanto o periódico britânico é caracterizado uma das instituições jornalísticas mais influentes do planeta, destacando-se por publicações como o caso Snowden¹⁰.

3. Características da crítica e Jornalismo Cultural

Para estabelecermos local de fala acerca da crítica de espetáculos e obras de arte (não apenas plásticas, mas teatrais, musicais etc), precisamos entender que o espaço opinativo se destaca em diferentes veículos desde seus princípios. Concordando ou não, uma parte considerável do público consome o conteúdo de autores sobre trabalho de diferentes artistas.

⁶ Seu nome ocupa uma colocação expressiva na lista de melhores cantores de rock da revista Billboard. Disponível em <<https://www.billboard.com/photos/6721847/best-rock-singers-of-all-time>>. Acesso em 25 dez. 2017.

⁷ Um dos exemplos é a lista dos 100 maiores cantores da história, publicada pela revista Rolling Stone. Disponível em <<https://www.rollingstone.com/music/lists/100-greatest-singers-of-all-time-19691231/robert-plant-20101202>>. Acesso em 25 dez. 2017.

⁹ Publicação dominical, dividida em notícias, esporte, a revista Observer e uma sessão de resenhas, como publicado no site do Guardian (dono do Observer). Disponível em <<https://www.theguardian.com/media/organgrinder/2010/feb/15/observer-relaunch-spirit-of-1791>>. Acesso em 25 dez. 2017.

¹⁰ O Guardian, como é chamado, publicou um furo de reportagem no qual expôs ao mundo, com exclusividade, um esquema de espionagem do governo americano sobre seus próprios cidadãos através de uma fonte, que era Edward Snowden.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Segundo Piza (2013), a avaliação de artes começa após o período renascentista, ressaltando elementos temporais de autores específicos (como Voltaire) que se tornariam cruciais para um espaço de opinião, como a liberdade de expressão. “Iniciava-se então, graças ao poder multiplicador da imprensa, uma era de ouro do jornalismo europeu, tão influente na modernidade quanto revoluções políticas, as descobertas científicas, a educação liberal ou o romance realista” (PIZA, 2013, p.13). Ali o número de periódicos crescia e uma quantidade ainda maior de leitores os sustentava e estimulava em produções.

Ao olharmos a cronologia histórica do Jornalismo Cultura, é possível dar um destaque em especial aos textos críticos. Em periódicos clássicos do gênero jornalístico, por exemplo, a crítica pode funcionar como um dos destaques de suas edições. Revistas como a Rolling Stone chegando a jornais tradicionais como New York Times, tem um espaço dedicado às análises críticas.

Até os dias contemporâneos podemos testemunhar grandes repercussões de críticas. Como (no caso da música), exemplificando em extremos, com a influência de uma crítica muito positiva contribuir para aquele artista ter mais espaço em rádios e chamar mais público em plataformas de streaming. Por outro lado, quando uma crítica é ácida pode gerar uma reação negativa do músico (ou grupo) em relação ao crítico, ou, em alguns casos, culminar no fim de um conjunto.

Para estabelecer uma espécie de sistema, tomamos por base a obra de Piza (2013) na qual o autor discorre sobre os elementos necessários para um bom texto crítico. Ele soma à clareza, coerência e agilidade (adjetivos os quais são entendidos como marca de um texto jornalístico de boa qualidade), os seguintes pontos: informar em linhas gerais sobre a obra, analisar de forma sintética (elencando qualidades e defeitos) e, por fim, ir além do objeto analisado.

Portanto, neste trabalho pretendemos observar o conteúdo publicado nos textos e as ferramentas discursivas utilizadas pelos autores das críticas e concluir se cumprem os



requisitos supracitados. De forma respeitar a relação entre artista, crítico e público-leitor.

4. Aporte teórico

Para embasar nossas análises, optamos por utilizar a abordagem do *fait divers* barthesiano. A expressão *fait divers* significa “fatos diversos”, “casos do dia”, e foi uma teoria desenvolvida pelo semiólogo francês Roland Barthes. Nela, o intelectual arquiteta categorias dos tais casos do dia, explicando como se manifestam.

Antes de expormos a teoria do autor expressamente, precisamos esclarecer o que é o *fait divers*. “É a informação sensacionalista, procedente de uma classificação do inclassificável” (CRUZ e CURI. 2015, p. 75), ou seja, são artifícios de captar a atenção do público através da narrativa utilizada no material (no caso) jornalístico.

Para isto, Barthes (1964) divide os casos do dia em duas categorias, cada uma comportando duas subcategorias. Então, temos: causalidade – a qual carrega consigo as causas esperada e perturbada – e coincidência – que traz os *fait divers* de antítese e repetição.

Na causa esperada, a narrativa dá enfoque no *dramatis personae*¹¹, de maneira que a situação vivida pelo personagem gera sensações como desconsolo, piedade. Esta subcategoria pode ser caracterizada pelo grande efeito surgido de uma causa diminuta. Para ilustrar, podemos pensar em uma enchente e vítimas dele (sobretudo idosos, gestantes e crianças), a chuva, por si só, é algo corriqueiro, porém ela culminou em uma tragédia. Ou seja, o enfoque da causa esperada é no efeito.

Por outro lado, o *fait divers* de causa perturbada caminha na contramão do supracitado. Seu enfoque é na origem, e não na causa. Exatamente pelo fator ilógico, de quebra de expectativas, ao imaginarmos uma resolução dedutível e ela não se

¹¹ Tradução (livre): personagem dramático.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

concretizar. Mais do que isso, ter um desenredo bastante diferente. Um exemplo profundamente ilustrativo é o jogo Brasil versus Alemanha, na semifinal da Copa do Mundo de 2014¹². Podemos dizer, então, que este *fait divers* é focado na origem, por seu fator de imprevisibilidade.

A partir daí, entramos na outra categoria dos casos do dia, a de coincidência. No *fait divers* de antítese, o centro passa a ser duas ideias antagônicas dividindo o mesmo espaço de discussão. Em especial, esta subcategoria é marcada pela emocionalidade (de certa forma, em alguns exemplos, a passionalidade), um debate entre representantes de duas ideologias diferentes, serve como uma ilustração.

Já, a coincidência por repetição, como o próprio nome diz, o elemento principal é o repetir da informação, levando o receptor a imaginar diferentes origens daquele efeito. O apresentador José Luiz Datena, em seu programa Brasil Urgente, é uma amostra deste *fait divers*, uma vez que ele (em seu papel de âncora) levanta diferentes hipóteses a origem de um caso.

“Podemos encontrar na Mídia impressa e eletrônica, a presença do *fait divers*, como a informação sensacionalista, o que permite, complexamente, os diálogos entre a Objetividade jornalística com as interpelações emocionais” (RAMOS, 2012, p. 15). Por conseguinte, o estudo em torno dos casos do dia se dá, não pela simples identificação deles, mas, sim, pela análise de exacerbação.

5. Análise e apresentação de resultados

Iniciaremos a apresentação da análise com a publicação do The Observer, por conta de se localizar no mesmo país do artista, a Inglaterra. A crítica foi assinada por

¹² Na oportunidade, a seleção germânica venceu a brasileira pelo placar abismal de 7 a 1. No caso, as duas equipes representam grandes nações no futebol e não era imaginado (por comentaristas, cronistas, jornalistas e casas de aposta, de modo geral) um resultado tão díspar assim.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Phil Mongredien e seu título estampava “Robert Plant: Carry Fire review – more of a good thing”¹³. O texto é bastante curto, feito em formato de bloco de palavras, totalizando um parágrafo.

Ao dividirmos a publicação em duas, a primeira metade faz uma descrição breve e conceitual sobre o estágio artístico em que o cantor se encontra, fala sobre a banda de apoio¹⁴ e, por fim, faz uma pequena comparação ao long-play anterior. Após isso, chega “o núcleo” da crítica, propriamente dito. Ou seja, o crítico tece sua visão quanto o material lírico de fato, citando algumas músicas.

Confrontando o material escrito por Mongredien com os aspectos ressaltados por Piza (2013) no que tange a crítica cultural, o texto publicado no Guardian falha. Não se estabelece um local de fala retomando o que é (no período o qual a resenha foi publicada) a carreira do cantor. Não são apresentadas influências e evoluções, linearidade ou quaisquer outros substantivos os quais poderiam contribuir para uma ilustração de quem é hoje Robert Plant.

Mais do que isso, o autor foi tão diminuto ao ponto de não justificar, em momento algum, o porquê daquela nota. Em um dos comentários, um internauta pontua:

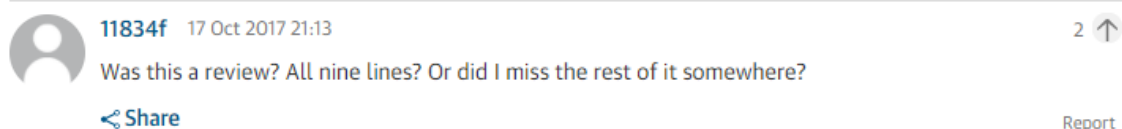


Figura 1: Tradução livre: “Isso é a resenha? Todas as nove linhas? Ou eu perdi o resto em algum lugar?”. Imagem captada na postagem, disponível em <<https://www.theguardian.com/music/2017/oct/15/robert-plant-carry-fire-review>>. Acesso: 08 jan. 2017.

¹³ “Robert Plant: resenha Carry Fire – mais de uma coisa boa” tradução (livre)

¹⁴ A banda se chama The Sensational Space Shifters.



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Desta forma, além de falhar na informatividade (preceito básico do jornalismo) a resenha também falha no quesito do conteúdo. Portanto, o leitor o qual desconhece a obra do artista não terá (ao ler) a menor noção do que o último álbum representa para sua carreira e de como ela, cronologicamente, avançou. Este texto crítico informa pouco (e de maneira confusa, pelos pontos já citados) e não argumenta a razão pela qual o disco recebeu a nota. Seja uma crítica positiva ou negativa, é necessário esclarecer ao leitor e ao objeto de crítica os pontos altos e baixos de seu trabalho.

Já o texto de Felipe Cotta tem uma forma diferente de manifestação. Rompendo com tudo o que foi posto anteriormente, a crítica possui uma narrativa cheia de comparações e descrições sobre o objeto em questão. Com abordagens diretas e, em alguns momentos, expressamente bem-humorada, a resenha brasileira locupleta a audiência de informações e dá um panorama (não extremamente aprofundado) mas além do óbvio sobre quem é o artista hoje.

Com enfoque voltado ao trabalho como um todo e sem marcas de exacerbação de sensacionalismo, o autor empilha parágrafos nos quais caracteriza conceitualmente o andamento do disco e, em outros momentos, evidencia atributos em canções específicas da obra. Ele consegue sanar todos os pontos (anteriormente citados) estabelecidos por Piza (2013) para uma boa resenha cultural, cumprindo assim com o que se propõe a profissão.

Mesmo tocando em assuntos os quais poderiam gerar algum tipo de encruzilhada, em se tratando de opinião de modo geral, como o misticismo de Plant, de forma alguma o redator foge ao tema, que é o álbum em questão. E, apesar de não ir além das comparações facilmente dedutíveis (como as da carreira solo do canto com sua antiga banda), a resenha apresenta um conteúdo completo em relação ao que se propõe, deixando claro – também – o porquê da nota dada ao long-play.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Desta maneira, em se tratando dos casos do dia, não constatamos quaisquer elementos que caracterizariam uma exacerbação de sua utilização. Ambos respeitaram o receptor no sentido de entrega **do**¹⁵ conteúdo neste sentido. Por outro lado, no que tange o ethos e o que o jornalismo cultural propõe, o texto do Guardian deixa a desejar e peca na entrega **de**¹⁶ conteúdo, enquanto o portal brasileiro cumpre com a maior parte dos requisitos propostos.

Referências bibliográficas

BARTHES, Roland. **A estrutura dos fait divers** – íntegra. Disponível em <<https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/10/barthes-a-estrutura-dos-faitdivers.pdf>>.

BILLBOARD STAFF. **The 25 Best Rock Frontmen (and Women) of All Time**. Disponível em <<https://www.billboard.com/photos/6721847/best-rock-singers-of-all-time>>. Acesso em 25 dez. 2017.

COTTA, Felipe. **Robert Plant – Carry Fire| Crítica**. Disponível em <<https://omelete.uol.com.br/musica/critica/robert-plant-carry-fire-critica/>>. Acesso em 25 dez. 2017.

CRUZ, Fábio. CURI, Guilherme Oliveira. **Communication Breakdown: A cobertura do show de Robert Plant no festival Lollapalooza à luz do fait divers**. Revista FAMECOS, PUCRS. Porto Alegre (RS), 2015.

MCINTYRE, Hugh. **These Are The Top 10 Highest-Grossing Tours Of 2017 (So Far)**. Disponível em <<https://www.forbes.com/sites/hughmcintyre/2017/07/20/these-are-the-top-10-highest-grossing-tours-of-2017-so-far/2/#775f148b75e8>>. Acesso em 25 dez. 2017. Acesso em 25 dez 2017.

¹⁵ Grifo nosso.

¹⁶ Grifo nosso.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

MONGREDIEN, Phil. **Robert Plant: Carry Fire review – more of a good thing.** Disponível em <<https://www.theguardian.com/music/2017/oct/15/robert-plant-carry-fire-review>>. Acesso em 25 dez. 2017.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural.** São Paulo: Contexto, 2013.

REVISTA GALILEU. **Saiba quais são os 50 sites mais acessados do Brasil.** Disponível em <<http://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2017/06/saiba-quais-sao-os-50-sites-mais-acessados-do-brasil.html>>. Acesso em 25 dez. 2017.

ROLLING STONE MAGAZINE. **100 Greatest Singers of All Time.** <<https://www.rollingstone.com/music/lists/100-greatest-singers-of-all-time-19691231/robert-plant-20101202>>. Acesso em 25 dez. 2017.